

2022.2 . Ano XXXIX . Número 44

CALÍOPE

Presença Clássica

(separata 5)

DOSSIÊ

XIX Jornada do PPGLC-UFRJ



2022.2 . Ano XXXIX . Número 44

CALÍOPE

Presença Clássica

ISSN 2447-875X

(separata 5)

DOSSIÊ

XIX Jornada do PPGLC-UFRJ

EDITORES

Fábio Frohwein de Salles Moniz

Rainer Guggenberger

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
REITOR Denise Pires de Carvalho

CENTRO DE LETRAS E ARTES
DECANA Cristina Grafanassi Tranjan

FACULDADE DE LETRAS
DIRETORA Sonia Cristina Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS
COORDENADOR Rainer Guggenberger
VICE-COORDENADOR Ricardo de Souza Nogueira

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS
CHEFE Simone de Oliveira Gonçalves Bondarczuk
SUBSTITUTO EVENTUAL Fábio Frohwein de Salles Moniz

EDITORES
Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

CONSELHO EDITORIAL
Alice da Silva Cunha
Ana Thereza Basílio Vieira
Anderson de Araujo Martins Esteves
Arlete José Mota
Auto Lyra Teixeira
Ricardo de Souza Nogueira
Tania Martins Santos

CONSELHO CONSULTIVO
Alfred Dunshirn (Universitat Wien)
David Konstan (New York University)
Edith Hall (King's College London)
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)
Gabriele Cornelli (UNB)
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)
Isabella Tardin (Unicamp)
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)
Jean-Michel Carri  (EHES)
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)
Martín Dinter (King's College London)
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Aut onoma de México)
Violaine Sebillote-Cuchet (Universit  Paris 1)
Zelia de Almeida Cardoso (USP) – *in memoriam*

CAPA
Cratera de figuras vermelhas, provavelmente de proveniência tica do séc. v a.C. Acervo: Ashmolean Museum Oxford. Foto: Rainer Guggenberger.

EDITORACO
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger

REVISOR DO NÚMERO 44
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Programa de Pós-Gradua o em Letras Clássicas | Faculdade de Letras – UFRJ
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundão 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ
www.lettras.ufrj.br/pgclassicas – pgclassicas@letras.ufrj.br

O mito de Ganimedes: considerações sobre o mito em *Biblioteca* de Pseudo-Apolodoro e *Metamorfoses* de Ovídio

Zildene Paz de Souza | Arlete José Mota | Tania Martins Santos

RESUMO

Cada vez mais as construções discursivas que constroem as identidades homoeróticas vêm sendo estudadas no âmbito acadêmico. O objetivo geral do presente artigo é compreender a construção da identidade masculina homoerótica na representação do mito de Ganimedes apresentado em *Biblioteca* de Pseudo-Apolodoro e em *Metamorfoses* de Ovídio. Faremos a tradução do *corpus* visando à análise linguística e estilístico-literária do texto grego e do texto latino e faremos uma comparação entre os dois autores observando como as construções discursivas forjam as identidades homoeróticas naquele mito. Nosso método de pesquisa é pautado pela Análise Crítica do Discurso de Norman Fairclough e pela análise comparativa de Tânia Franco Carvalhal acerca da Literatura Comparada.

PALAVRAS-CHAVE

Ganimedes; Metamorfoses; Homoerotismo.

SUBMISSÃO 15.7.2022 | APROVAÇÃO 17.4.2023 | PUBLICAÇÃO 18.4.2023

DOI <https://doi.org/10.17074/cpc.v1i44.53494>

INTRODUÇÃO

P

ara darmos conta do objetivo do presente artigo, apresentaremos brevemente a Análise Crítica do Discurso (ACD), desenvolvida pelo linguista britânico Norman Fairclough, e em seguida abordaremos a Literatura Comparada, da pesquisadora brasileira Tânia Franco Carvalhal. Após a exposição das teorias citadas, faremos a tradução do *corpus* de estudo e finalizaremos com a análise dos excertos traduzidos.

A ACD centra-se em bases filosóficas que formam seu arcabouço teórico. A ACD inspirou-se no marxismo ocidental a fim de desenvolver uma teoria crítica; em Mikhail Bakhtin e na filosofia da linguagem, que trata a linguagem como um fenômeno que não separa o individual do social; e em Michel Foucault e suas contribuições ao discurso e poder.

A ACD busca analisar como os discursos afetam a vida social. Para isso, ela lança mão de conceitos-chave que direcionam sua análise. Esses conceitos-chave são o discurso, a ideologia, o poder e a hegemonia.

Fairclough¹ considera, como base de sua teoria, a natureza dialética social do discurso, em que o discurso constitui a realidade social e ao mesmo tempo é constituído por ela. O discurso é constitutivo porque ele contribui para a criação de “identidades sociais” e “posições de sujeito”, contribui para a construção das relações sociais e também para a construção de conhecimentos e crenças.² O discurso também constrói relações de poder, e o conceito de hegemonia está atrelado ao conceito de poder.

Além dos conceitos-chave, a ACD trabalha com categorias de análise. Para se fazer a análise crítica do discurso, é necessário abordar três categorias de análise: a prática social, a prática discursiva e a prática textual, pois todo discurso está inserido em um lugar social definido e com posicionamento ideológico.

Essa concepção da dimensão tridimensional do discurso é representada pelo diagrama a seguir:

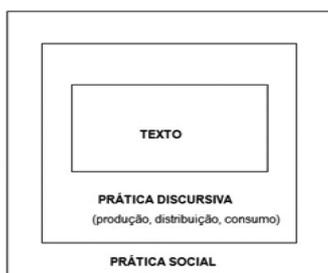


Figura 1 – Concepção tridimensional do discurso.³

Iran Melo esquematizou a concepção tridimensional do discurso no seguinte quadro:

Texto	Prática discursiva	Prática social
Itens lexicais	Produção (pressupostos, atos de fala, implicaturas)	Hegemonia
Operadores de coesão	Consumo (ativação de conhecimentos)	Ideologia
Operadores argumentativos	Intertextualidade e interdiscursividade	Aspectos culturais
Transitividade		
Modalizadores		
Fatores de contextualização (título, nota, assinatura, etc.)	Metáforas	

Quadro 1 – Perspectiva tridimensional do discurso de Norman Fairclough.⁴

Seguindo esse esquema, ao trabalharmos a tradução de um texto literário, devemos observar as três dimensões da análise do discurso. Na prática textual, devemos observar o vocabulário que constrói as identidades sociais das personagens; a construção temporal da narrativa; a utilização de verbos. Há casos em que a tradução não tem o valor ideológico que o texto original demonstra. O texto deve ser traduzido de forma que o leitor contemporâneo compreenda as palavras usadas no texto original. Na prática discursiva, devemos observar a que gênero literário o texto pertence; qual o contexto de produção, circulação e consumo da obra; se há alguma relação intertextual ou interdiscursiva. E, na

prática social, devemos observar quais identidades sociais são representadas no texto; as relações de poder existentes entre as identidades sociais representadas; os significados ideológicos específicos envolvidos na construção das identidades sociais das personagens, pois essas identidades são construídas no e pelo discurso.

Agora, trataremos da Literatura Comparada. A Literatura Comparada é estruturada dentro de um panorama sócio-histórico-cultural que a torna um campo do conhecimento. Ela aborda diversas investigações e um amplo campo de atuação, como salienta Tânia Franco Carvalhal:

Quando começamos a tomar contato com trabalhos classificados como “estudos literários comparados”, percebemos que essa denominação acaba por rotular investigações bem variadas, que adotam diferentes metodologias e que, pela diversificação dos objetos de análise, concedem à literatura comparada um vasto campo de atuação.⁵

Desde épocas antigas, a Literatura Comparada é utilizada como objeto de pesquisa, mas o conceito sobre a disciplina foi se modificando ao longo do tempo. Faz parte da atividade humana realizar comparações e agrupar elementos semelhantes. Mas fazer Literatura Comparada não é o mesmo que comparar literaturas. Convém destacarmos que a

Literatura Comparada é a arte metódica, pela pesquisa de vínculos de analogia, de parentesco e de influência, de aproximar a literatura dos outros domínios da expressão ou do conhecimento, ou, para sermos mais precisos, de aproximar os fatos e os textos literários entre si, distantes ou não no tempo e no espaço, com a condição de que pertençam a várias línguas ou a várias culturas, façam elas parte de uma mesma tradição, a fim de melhor descrevê-los, compreendê-los e apreciá-los.⁶

Podemos dividir o desenvolvimento da Literatura Comparada em três momentos, a saber: a fase que tentava explicar a formação da literatura romana a partir da literatura grega; a fase

que tenta explicar a origem de dada literatura, abordando um teor nacionalista; e a fase dos estudos que relacionam as diversas literaturas. Nessa última fase, a Literatura Comparada deixou de ser apenas uma comparação estética para adquirir um teor metodológico, com a utilização de saberes de outras áreas e uma análise mais extensa. A Literatura Comparada trabalha com conceitos fundamentais como influência (contato entre obras distintas), intertextualidade (presença de um texto na construção de outro texto) e recepção (a expectativa e efeitos do texto). É o que observamos, por exemplo, nas palavras de Tânia Franco Carvalhal, quando a autora afirma que:

[...] o estudo comparado de literatura deixa de resumir-se em paralelismos binários movidos somente por “um ar de parença” entre os elementos, mas compara com a finalidade de interpretar questões mais gerais das quais as obras ou procedimentos literários são manifestações concretas. Daí a necessidade de articular a investigação comparativista com o social, o político, o cultural, em suma, com a História num sentido abrangente.⁷

Seguindo por esse caminho, devemos observar qual foi o contexto social, político e cultural que proporcionou a produção das duas obras que buscamos comparar. De um lado, temos *Biblioteca*, um compêndio mitológico escrito em prosa que traz de forma resumida a genealogia de deuses e homens. De outro lado, temos *Metamorfoses*, um poema de gênero misto que foi todo escrito em hexâmetros datílicos.⁸ Ao compararmos esses dois textos, devemos observar que são produções de diferentes idiomas, contextos, estilos e finalidades. Além de um simples cotejo entre produções literárias, devemos observar a seguinte citação de Tânia Franco Carvalhal que mostra que a Literatura Comparada é um estudo mais amplo das obras:

Em síntese, o comparativismo deixa de ser visto apenas como o confronto entre obras ou autores. Também não se restringe à perseguição de uma imagem, de um tema, de um verso, de um fragmento, ou à análise da imagem/miragem que uma

literatura faz de outras. Paralelamente a estudos como esses, que chegam a bom término com o reforço teórico crítico indispensável, a literatura comparada ambiciona um alcance ainda maior, que é o de contribuir para a elucidação de questões literárias que exijam perspectivas amplas. Assim, a investigação de um mesmo problema em diferentes contextos literários permite que se ampliem os horizontes do conhecimento estético ao mesmo tempo que, pela análise contrastiva, favorece a visão crítica das literaturas nacionais.⁹

A autora afirma que a Literatura Comparada ambiciona uma investigação mais ampla acerca do estudo comparativo das obras. Nesse sentido, outros campos que se colocam para a abordagem comparativa são os estudos de tradução e a discussão sobre gêneros textuais. Os estudos de tradução cada vez mais são objeto de pesquisa, pois a tradução de um texto literário nos permite construir uma ponte entre o texto a ser traduzido e o idioma que irá receber essa tradução. Há a construção de um relacionamento entre essas distintas culturas.

Ao pensarmos nosso processo de tradução, tínhamos em mente o leitor que não é familiarizado com os idiomas do *corpus* de pesquisa, a saber: o grego e o latim. E, em nosso processo tradutório, esbarramos no obstáculo de traduzir duas obras diferentes de duas línguas diferentes e com mais de dois milênios de distância da língua de chegada.

Tendo em vista que os textos, literários ou não, constroem e representam identidades de gênero e sexualidade¹⁰ e que tais textos são produtos de práticas sociais e discursivas particulares,¹¹ para embasarmos nosso processo tradutório, a abordagem da ACD será utilizada.¹² Surgida na década de 1980, a perspectiva discursiva da tradução destaca a linguagem em uso e, conseqüentemente, concebe o discurso como “elemento integrante das relações sociais de uma cultura”.¹³

Nesse sentido, a ACD, nos Estudos da Tradução, preocupa-se com as ideologias e as relações de poder subjacentes aos textos a serem traduzidos ou textos de partida,¹⁴ além de atentar para como o uso de certos vocábulos e estruturas sintáticas constroem representações de identidades de gênero e sexualidade de uma

forma específica.¹⁵ Assim, buscaremos, na nossa tradução ou texto de chegada, reproduzir os sentidos veiculados por escolhas sintáticas e de itens lexicais nas obras literárias analisadas, considerando que tais escolhas não são neutras, mas servem a um posicionamento ideológico.

Quanto à abordagem da Literatura Comparada sobre gêneros textuais, devemos observar que o estudo dos gêneros textuais está inserido na mesma percepção que cruza a teoria da intertextualidade e da recepção. Falaremos brevemente dos gêneros encontrados em nosso *corpus* de análise, que são os gêneros narrativo e descritivo. De um modo geral, o texto descritivo usa preferencialmente verbos no presente e é sempre estática. O texto de Pseudo-Apolodoro é um texto descritivo e assemelha-se muito ao texto jornalístico contemporâneo¹⁶ ao informar o leitor a respeito dos mitos descritos.

Seguindo em outra direção, Ovídio nos apresenta um texto narrativo. A narração é uma tipologia textual mais complexa. Esse tipo de gênero textual conta uma história com sequência de fatos e apresenta quatro elementos essenciais para seu desenvolvimento: apresentação, complicação, clímax e desfecho. Outros elementos centrais que compõem o texto narrativo são: personagem, tempo, espaço e narrador.

Após a explicitação dos pressupostos gerais da metodologia empregada neste artigo e das implicações em nossas análises dos textos escolhidos – em especial no que tange à tradução e à tipologia textual –, propomo-nos a apresentar nossas propostas de tradução das passagens selecionadas de Pseudo-Apolodoro e Ovídio.

Pseudo-Apolodoro:

ταύτη ἰδὼν ἐκκειμένην Ἡρακλῆς ὑπέσχετο σῶσειν,
εἰ τὰς ἵππους παρὰ Λαομέδοντος λήψεται ἄς
Ζεὺς ποιήνῃ τῆς Γανυμήδους ἀρπαγῆς ἔδωκε.¹⁷

Ao vê-la exposta (Hesíone), Hércules ofereceu-se para salvá-la, se recebesse de Laomedonte as éguas as quais Zeus lhe deu em compensação pelo rapto de Ganimedes.¹⁸

τοῦτον μὲν οὖν διὰ κάλλος ἀναρπάσας Ζεὺς δι'
ἀετοῦ θεῶν οἰνοχόον ἐν οὐρανῷ κατέστησεν.¹⁹

A este último (Ganimedes), por causa da beleza, Zeus o levou pelos ares por meio de uma águia e o colocou no céu como escanção dos deuses.²⁰

Ovídio:

*Ab Ioue, Musa parens, (cedunt Iouis omnia regno)
Carmina nostra moue! Iouis est mihi saepe potestas
Dicta prius: cecini plectro grauiore Gigantas 150
Sparsaque Phlegraeis uictricia fulmina campis.
Nunc opus est leuiore lyra, puerosque canamus
Dilectos superis inconcessisque puellas
Ignibus attonitas mernisse libidine poenam.
Rex superum Phrygii quondam Ganymedis amore 155
Arsit et inuentum est aliquid, quod Iuppiter esse,
Quam quod erat, mallet. nulla tamen alite uerti
Dignatur, nisi quae posset sua fulmina ferre.
Nec mora, percusso mendacibus aere pennis
Abripit Iliaden; qui nunc quoque pocula miscet 160
Inuitaque Ioui nectar Iunone ministrat.²¹*

De Júpiter, mãe Musa, (todas as coisas cedem ao reino de Júpiter), inspira nosso canto! Outrora sempre cantei o poder de Júpiter. Com plectro mais leve cantei os gigantes e os raios vitoriosos espalhados sobre os campos fregreus, agora preciso de uma lira mais leve, cantemos os jovens amados pelos deuses e as moças delirantes de paixões proibidas que mereceram o castigo de sua devassidão. Outrora, o rei dos deuses estava abrasado de amor pelo frígio Ganimedes e inventou algo que Júpiter preferiu ser no lugar daquilo que era, contudo, em ave alguma dignou-se transformar-se, a menos que pudesse suportar seu raio. Sem demora, batendo o ar com enganosas asas. Raptou o filho de Ílio, que agora também prepara o néctar e oferece o néctar a Júpiter, contra a vontade de Juno.²²

Pseudo-Apolodoro é uma fonte específica dos mitos gregos. É um texto escrito em um grego elementar, em linguagem objetiva, com uso vocabular simples. O estilo literário não é

elegante e faz um intenso uso de verbos em participípios, apresentando a prosa típica do séc. I AEC. Quase não apresenta passagens com grande qualidade literária. O texto de Pseudo-Apolodoro utilizou diversas fontes em seu desenvolvimento, como menciona Luiz Alberto Machado Cabral:

O livro *A Biblioteca*, do Pseudo-Apolodoro, pode ser descrito como uma mera exposição sistemática das genealogias dos deuses e heróis gregos, tal como são registradas na literatura. Uma vez que o autor não faz nenhuma reivindicação de que os tenha extraído da tradição oral – e aparentemente, não há nenhum indício que possa comprovar isso – é quase certo que todas as suas informações são derivadas exclusivamente a partir de livros. Ele recorre a excelentes fontes e as segue com fidelidade, mas quase nunca tenta explicar ou reconciliar as discrepâncias e contradições nelas encontradas. Permanece imparcial e limita-se apenas a constatar: “Mas Ferécides diz...”, “mas segundo a opinião de Hesíodo...”, “Uns dizem...”, “Outros dizem...”.²³

No momento de produção da obra de Pseudo-Apolodoro,²⁴ a escrita sobre o mito já estava bem desenvolvida, por isso é possível observar a intertextualidade com outras obras mitográficas. Como se observa pelo prisma da ACD, é isso sobretudo que nos interessa, estamos na esfera da prática textual que nos informa várias características formais e estilísticas inerentes ao texto de Pseudo-Apolodoro. Toda uma realidade ficcional é construída pelo autor, com base no discurso coletivo próprio do mito, em que se insere ainda a subjetividade daquele que escreve, por meio do emprego das expressões com sujeitos indeterminados mencionadas. Ao utilizar “dizem” e outras expressões análogas, Pseudo-Apolodoro não somente deseja trazer algum comentário ao mito, mas também, de maneira subjetiva, eximir-se da responsabilidade da certeza do modo como a narrativa se apresenta.

As narrativas míticas apresentadas de maneira simples por Pseudo-Apolodoro refletem atos de fala que ocorrem nas sociedades em que tais mitos eram recebidos. E isso pode ser dito

tanto em relação ao tempo mesmo dos gregos, que foram os idealizadores coletivos originários de tais discursos, quanto em relação ao tempo dos romanos, que se apropriaram de tais narrativas acoplando-as na identidade de seu povo multifacetado.

Quanto à obra de Ovídio,²⁵ *Metamorfoses*, trata-se, como já mencionamos, de um poema considerado de gênero misto,²⁶ pois, se, por um lado, o poeta escreve seu texto em versos hexâmetros datílicos, versos típicos encontrados nos poemas épicos, por outro lado, ele não se detém na jornada de um único herói. O poema apresenta várias histórias interligadas e aproximadamente 250 metamorfoses de vários heróis distintos. Além disso, seguindo a tradição épica, Ovídio utiliza, por exemplo, numerosos epítetos para denominar suas personagens.

Abordando especificamente o mito de Ganimedes, Pseudo-Apolodoro o descreve como um jovem muito belo, e é justamente essa beleza que faz com que Zeus se transforme em uma ave para raptar o rapaz. Ovídio narra o episódio de Ganimedes, utilizando como narrador a *persona* poética representada por Orfeu. No livro x, o poeta trácio segue cantando os amores dos deuses pelos jovens com o uso do particípio *dilectos* (x, v. 153), colocando esses jovens como os sujeitos passivos da ação dos deuses. E o amor de Zeus é enfatizado por *amore arsit* (x, v. 56, “abrasado de amor”), que representa não um sentimento simples, superficial, mas uma emoção que não pode ser controlada. Zeus entrega-se a esse amor, raptando o jovem da região da Frígia. Ainda ressaltando o aspecto físico do personagem que se destaca, a beleza, salientamos o comentário de Craig Williams, quando afirma: “De fato, a figura de Ganimedes aparece na literatura Romana como o arquétipo do belo, sexualmente desejável escravo do sexo masculino [...]”.²⁷ Recorremos mais uma vez a Craig Williams para evidenciar um nome dado pelos antigos latinos a Ganimedes: *Catamitus*, que aparece em Plauto, por exemplo.²⁸

Vale a pena notar que *Catamitus* era usado não só como um nome próprio, mas também como um substantivo significando um homem jovem e bonito no papel de parceiro

sexual subordinado a outro homem. O termo também pode ser usado como um insulto.²⁹

Como podemos observar, portanto, o mito de Ganimedes já era bem difundido, tanto na Grécia quanto em Roma. Era de conhecimento de todos que o jovem fora raptado por Zeus por causa de sua beleza. Pseudo-Aplodoro usa a expressão διὰ κάλλος para apontar a beleza de Ganimedes como causa do rapto, ἀναρπάζας, no livro III, e ἀρπαγῆς, no livro II. Ovídio usa vocábulo semelhante na língua latina para descrever o rapto – *abripit*. Em vários momentos os dois autores usam o verbo na voz passiva para enfatizar a ação realizada e dar destaque ao sujeito que sofre a ação, mas, em relação ao rapto de Ganimedes, Pseudo-Aplodoro e Ovídio usam a voz ativa do verbo para demonstrar que Zeus é o autor do rapto. Pseudo-Apolodoro é muito sintético ao descrever o rapto de Ganimedes, por outro lado Ovídio dedica cerca de quinze versos para narrar o rapto do jovem pelo deus. Ao final do mito, os dois autores apontam que Ganimedes foi posto no céu ἐν οὐρανῷ para servir o nectar, *nectar ministrat*, como escanção dos deuses, θεῶν οἰνοχόου.

Analisaremos agora o mito de Ganimedes em *Metamorfoses* de Ovídio. Crompton³⁰ e Dover,³¹ afirmam que a história do rapto de Ganimedes por Zeus, ou Júpiter na cultura romana, é abordada por vários autores gregos e latinos. No livro X, Orfeu relata a transformação de Júpiter em águia com o objetivo de raptar Ganimedes por quem estava apaixonado. Ganimedes foi um príncipe troiano, conhecido pela sua grande beleza e, consoante Dover,³² foi *erómenos* de Júpiter no Olimpo, embora haja versões do mito nas quais o jovem troiano foi apenas copeiro dos deuses.

A leitura do excerto permite que identifiquemos um processo relacional codificado na oração “*Rex superum Phrygi quondam Ganymedis amore/ Arsit*”, nos vv. 155-156 (“o rei dos deuses estava abrasado de amor pelo frigio Ganimedes”). Nessa oração, ao construir a identidade homoerótica de Júpiter pela expressão “abrasado de amor”, o narrador posiciona-se discursivamente acerca da existência de uma relação homoerótica entre o rei dos deuses e Ganimedes. Orfeu, todavia, não exclui do relato a

informação de que o jovem troiano também foi copeiro de Júpiter. Ademais, o narrador observa que Hera, deusa com quem Júpiter era casado, opunha-se à presença de Ganimedes no Olimpo sevindo néctar ao rei dos deuses.

Possivelmente, o casamento de Júpiter e Hera não é mencionado porque fugia à intenção do narrador, que queria destacar os relacionamentos amorosos entre deuses e jovens mortais do sexo masculino. Esse posicionamento discursivo de Orfeu pode exemplificar as ideias de Fairclough³³ em relação ao apagamento deliberado de informações em um discurso. Tal apagamento está a serviço de um objetivo particular. A passagem, dessarte, não permite que falemos sobre a construção da identidade heterossexual ou bissexual de Júpiter.

Quanto ao mito de Ganimedes na obra de Pseudo-Apolodoro, vemos que é abordado nos livros II e III, sendo escrito em terceira pessoa para criar um efeito de objetividade, como já apontamos ao analisar o mito de Jacinto na mesma obra. No livro II, o autor grego descreve apenas que Hércules reivindicou as éguas, que Zeus havia dado a Laomedonte por ter raptado Ganimedes, como condição para salvar Hesione. No livro em pauta, não há nenhum índice de subjetividade, e, portanto, Pseudo-Apolodoro não se posiciona discursivamente em relação ao evento relatado, o que se assemelha bastante à estrutura da notícia jornalística, uma vez que possui forte teor informativo como já mencionamos.³⁴

O excerto presente no livro III descreve que Zeus metamorfoseou-se em águia e raptou Ganimedes por sua beleza para servir o néctar aos deuses. Embora possua também cunho informativo, Pseudo-Apolodoro posiciona-se discursivamente sobre a finalidade do rapto, na medida em que escolhe a versão na qual o príncipe de Troia fora raptado para ser copeiro no Olimpo. Talvez a escolha do autor grego tenha sido motivada por não concordar com o fato de que Ganimedes e Zeus seriam *erômenos* e *erastés*, o que construiria uma identidade bissexual para o rei dos deuses, visto que esse era casado com Hera.

Diferente de Ovídio, que, através de Orfeu, narra que foi o amor abrasador de Júpiter por Ganimedes que motivou o rapto, Pseudo-Apolodoro enfoca o fato de que o príncipe troiano foi raptado para ser somente copeiro. É possível admitir que há, nos dois autores, um posicionamento discursivo divergente no que concerne às relações homoeróticas e, mais especificamente, à pederastia. Sabemos que o posicionamento e a escolha estão submetidos à ideologia que, materializada no discurso, determina o modo como os discursos serão produzidos.³⁵

Apesar de os discursos que circulavam em Roma sobre a relação pederástica criticarem tal relação,³⁶ Orfeu escolhe narrar a de Ganimedes, enfatizando o envolvimento amoroso dele com o deus. Podemos supor que o posicionamento de narrador do livro X indique uma tentativa de promover uma mudança discursiva na sociedade romana, de modo a buscar uma legitimação da pederastia que era praticada também por divindades olímpicas.

Na Grécia antiga, por outro lado, as relações pederásticas eram consideradas honrosas pela grande maioria dos discursos, desde que os envolvidos em tais relações obedecessem a rígidos protocolos, como a diferença etária entre os participantes, seu pertencimento à aristocracia e sua atitude a respeito do desejo sexual.³⁷ Pseudo-Apolodoro escolhe uma versão do mito de Ganimedes na qual esse não é amado por Zeus. Esse posicionamento do autor grego pode ser sua discordância em retratar Zeus como *erastés*, pois, desse modo, estaria preservando a identidade exclusivamente heterossexual do rei dos deuses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Utilizamos as categorias de análise da ACD e a Literatura Comparada para fazermos uma análise comparativa do mito de Ganimedes descrito em *Biblioteca* de Pseudo-Apolodoro e em *Metamorfoses* de Ovídio. Embora não seja possível precisar a data exata do contexto de produção da obra grega, infere-se que foi produzida no séc. I AEC, em uma Grécia que estava sob domínio romano. De outro lado, a obra latina tem lugar e data de

publicação, em um momento no qual Roma passava por toda uma transformação cultural, principalmente pelo contato com a cultura grega.

Os textos possuem diferentes estilos de escrita. O texto grego é escrito em prosa, e o texto latino é um poema escrito em versos hexâmetros datílicos. Ambos abordam a tradição de relatar os mitos que eram veiculados na época, mas o texto de Pseudo-Apolodoro apresenta linguagem simples e objetiva, e o texto de Ovídio apresenta uma perfeita narrativa do mito.

ABSTRACT

The discursive constructions that build homoerotic identities are increasingly being studied in the academic field. The general objective of this article is to understand the construction of homoerotic masculine identity in the representation of the myth of Ganymede presented in Pseudo-Apollodorus' Library and in Ovid's *Metamorphoses*. We will translate the corpus aiming at the linguistic and stylistic-literary analysis of the Greek text and the Latin text and we will make a comparison between the two authors observing how the discursive constructions forge the homoerotic identities in that myth. Our research method is guided by Norman Fairclough's Critical Discourse Analysis and by Tânia Franco Carvalhal's comparative analysis of Comparative Literature.

KEYWORDS

Ganymede; *Metamorphoses*; Homoeroticism.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APOLLODORUS. **The Library**. Introduction, translation, notes and appendices of J. G. Frazer. Edinburgo Harvard University Press, 1995. The Loeb Classical Library, 121, 2 v.
- BAILLY, A. **Dictionnaire Grec-Français**. Paris: Hachette, 1963.
- BARBO, D. **O triunfo do falo: homoerotismo, dominação, ética e política na Atenas clássica**. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.
- BRUNEL, P; PICHOS, C; ROUSSEAU, A. **Que é literatura comparada?** Tradução de Célia Berreirim. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo; Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1990.
- CABRAL, L.A.M. **A Biblioteca do Pseudo-Apolodoro e o estatuto da mitografia**. Orientador: Flávio Ribeiro de Oliveira. 2013. 159 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/20.500.12733/1621914>>. Último acesso em: 03 maio 2022.
- CARVALHAL, T.F. **Literatura comparada**. 4. ed. revista e ampliada. São Paulo: Ática, 2006.
- CARVALHO, R. et al. **Por que calar nossos amores?: poesia homoerótica latina**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. (Coleção Clássica). p. 83-104.
- CONTE, G.B. **Latin Literature: a History**. Translated by Joseph B. Solodow. Baltimore And London: The Johns Hopkins University Press, 1999.
- CROMPTON, L. **Homosexuality and Civilization**. Cambridge: Harvard University Press, 2004.
- DOVER, K.J. **A homossexualidade na Grécia antiga**. Tradução de Luis Sérgio Krausz. 2. ed. São Paulo: Nova Alexandria, 2007.
- FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research**. London and New York: Foutledge, 2003.
- _____. **Discurso e mudança social**. Coordenadora de tradução, revisora e prefácio Izabel Magalhães. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.
- FARIA, E. **Dicionário escolar latino-português**. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2003.
- HATIM, B. Discourse Analysis. In: BAKER, M. ; SALDANHA, G. (eds.). **Encyclopedia of Translation Studies**. London; New York: Routledge, 2009. p. 88-92.

LAGE, N. **A linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 2011.

MALHADAS, D., DEZOTTI, M.C.C.; NEVES, M.H.M (Equipe de coordenação). **Dicionário Grego-Português**. Cotia: Ateliê Editorial, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010. 5 v.

MELO, I.F. Teoria multifuncional do discurso em Halliday e Fairclough. In: **Políngua**, João Pessoa, v. 5, n. 2, p.153-168, jul/dez de 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/prolingua/article/view/15320>>. Último acesso em: 03 maio 2022.

OVIDE. **Les métamorphoses**. Texte établi par Georges Lafaye. Paris: Les Belles Lettres, 1929.

RAMALHO, V.; RESENDE, V.M. **Análise de discurso (para a) crítica**: o texto como material de pesquisa. Campinas: Pontes, 2011.

RODRIGUES-JÚNIOR, A.S. **Tradução e literatura gay**: formas de se fazer pesquisa no campo dos estudos da linguagem. Campinas: Mercado de Letras, 2016.

SARAIVA, F.R.S. **Novíssimo dicionário latino-português**. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006.

SOUZA, Z. **Febo e Jacinto**: um outro olhar sobre o mito. Orientadora: Arlete José Mota. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. 68 f. Disponível em: <http://www.posclassicas.letras.ufrj.br/images/Cursos/Td/dissertacoes/2016/Zildene_Vers%C3%A3odefinitiva.pdf>. Último acesso em: 03 maio 2022.

WILLIAMS, C.A. **Roman Homosexuality**. New York: Oxford University Press, 2010.

- ¹ FAIRCLOUGH, 2016.
- ² Idem, *ibidem*, p. 95.
- ³ Idem, *ibidem*, p. 105.
- ⁴ MELO, 2010, p. 156.
- ⁵ CARVALHAL, 2006, p. 5.
- ⁶ BRUNEL; PICHOS; ROUSSEAU, 1990, p.140.
- ⁷ CARVALHAL, 2006, p. 86.
- ⁸ ONTE, 1999.
- ⁹ CARVALHAL, 2006, p. 86.
- ¹⁰ RODRIGUES JÚNIOR, 2016.
- ¹¹ FAIRCLOUGH, 2016.
- ¹² HATIM, 2009.
- ¹³ RODRIGUES JÚNIOR, 2016, p. 26.
- ¹⁴ HATIM, 2009.
- ¹⁵ RODRIGUES JÚNIOR, 2016.
- ¹⁶ LAGE, 2011.
- ¹⁷ PSEUDO-APOLODORO, *Biblioteca*, II, 5, 9.
- ¹⁸ Tradução nossa.
- ¹⁹ PSEUDO-APOLODORO, *Biblioteca*, III, 12, 2.
- ²⁰ Tradução nossa.
- ²¹ OVÍDIO, *Metamorfoses*, x, v. 148-161.
- ²² Tradução nossa.
- ²³ CABRAL, 2013, p. 21.
- ²⁴ Cabe ressaltar que não há um consenso sobre a data exata a respeito da publicação da obra *Biblioteca*, mas seguimos o entendimento de Cabral (2013) que pressupõe que a obra pode ter sido escrita em meados do séc. I AEC. Outro mistério que ronda o texto é sobre a verdadeira autoria da obra.
- ²⁵ Ao contrário da obra de Pseudo-Apolodoro, a obra de Ovídio foi finalizada no ano 8 EC e não há dúvidas a respeito da autoria da obra.
- ²⁶ CONTE, 1999.
- ²⁷ WILLIAMS, 2010, p. 60.
- ²⁸ Cf. SARAIVA, 2006.
- ²⁹ WILLIAMS, 2010, p. 61.
- ³⁰ CROMPTON, 2004.
- ³¹ DOVER, 1999.
- ³² Idem, *ibidem*.
- ³³ FAIRCLOUGH, 2016.
- ³⁴ LAGE, 2011.
- ³⁵ FAIRCLOUGH, 2003, 2016; RAMALHO; RESENDE, 2011.
- ³⁶ WILLIAMS, 2010.
- ³⁷ BARBO, 2008; CROMPTON, 2004; DOVER, 1999.